

(1) Parece-me correcto (como no 1º parágrafo) e afirmação do respeito pelos princípios básicos de Carta da ONU, no entendimento de que eles devem constituir, no seu conjunto, como que o código de conduta de todos os países e nações, grandes ou pequenas, poderosas ou fracas. Código de conduta que não é rígido nem estático. Assim é que, em cada estádio da história das relações internacionais, mais direitos e regras cada vez mais aperfeiçoadas de comportamento são descobertas e se vão juntar ao "código" anterior.

enumerao vários direitos

O sentido final deste processo pode ser visto a dois níveis:

- desenvolvimento da concepção de que não há identidade cultural nem identidade nacional e, portanto, independência política sem o mínimo de independência económica, mesmo considerando a feia cada vez mais complexa de relações que o "mercado mundial" implica (interdependência económica, independentemente dos sistemas políticos e sociais)
- em consequência da ideia precedente, o desenvolvimento, na década de 80, da construção de uma "nova ordem internacional" (no plano económico, social, cultural e político), sendo para tal absolutamente necessário a abordagem desta questão em termos radicalmente inovadores, implicando duas atitudes mentais inteiramente novas: da parte dos ricos

n.º além do democrático



(países industrialmente avançados) o abandono do ^{profunda da necessidade vital} egoísmo e a compreensão ~~da~~ da invenção de novos modelos de convivência humana e de novas relações sócio-culturais (implicando o que se pode designar de descoberta de novos modelos de sociedade avançada — o que países de alto índice de cultura e de "civilização" acumulada podem perfeitamente aspirar ~~isto~~ ^{considerando} ~~isto~~ mesmo como o maior contributo que podem dar ao advento de uma nova civilização neste final do séc. XX — maior do que a descoberta da máquina a vapor, a electricidade, a energia nuclear, a electrónica e "tutti quanti"...) ; da parte dos pobres (os subdesenvolvidos que constituem a maioria esmagadora da humanidade) a consciência da necessidade de uma maior capacidade de diálogo sem quebra de firmeza na defesa de posições justas, um maior realismo e pragmatismo e o consequente abandono de práticas de radicalismo verbal ~~que~~ por vezes responsáveis de estrangulamentos insuperáveis, a consciência, enfim, de que um sistema mais justo de relações internacionais não depende somente da tolerância, da compreensão e das "concessões" dos ricos, mas será sobretudo obra comum de toda a humanidade, nota que todos têm contribuições fundamentais a dar à construção de um mundo novo.

- Finalmente, parece-me que será de pôr em evidência a ideia de que o que está em jogo, no momento crucial da aventura humana que atravessamos, é que, quada do que sucede faz sentido senão em função de um ideal altíssimo de construção de uma autêntica nova ordem moral, fundada em valores que, tomando o homem como ponto de partida, possam justificar e

→
 descoberta de natureza humana e social ^{que} têm das descobertas da ciência

→
 é um problema planetário



esperança na capacidade das gerações actuais (3)
em edificar um novo momento de civilização
humana.

(2). Se o discurso inicia uma abordagem deste tipo, não faz sentido o resto da pag. 1, ou pelo menos não o faz com a linguagem em que está escrito.

Eventualmente, porém, seria de considerar uma referência ~~relacionada~~ ao papel que Portugal espera poder ter no esforço conjunto para um novo sistema de relações internacionais, fundamentado essa pretensão na autoridade moral e política que lhe adveio, depois do 25 de Abril, com a descolonização, a democratização do país e as ~~suas~~ tentativas, no plano internacional, de ~~seu~~ fazer de Portugal uma "ponte de diálogo" entre posições antagónicas ou simplesmente divergentes, um "lugar de encontro" facilitador de consensos, um "espaço de abertura" a ideias inovadoras e a novas pistas fundadas para o entendimento entre os povos. (Aqui pode-se salientar o desejo de Portugal prosseguir esta via no plano internacional, procurando deste modo ser um exemplo vivo de como um pequeno país pode activamente contribuir para uma nova "ordem" mundial, pelo dinamismo, a criatividade e a sinceridade e seriedade das suas posições).

acto cultural / novo
ainda q de maneira
informe



Pag. 2 :

= Importante a referência aos "interesses das grandes potências ou blocos".

Mas parece-me que esta referência deve levar "uma volta", de forma a enquadrá-la numa perspectiva global mais rica (na linha do que se sugeriu anteriormente).

Seria de considerar aqui ~~o~~ desenvolvimento da ideia do desaparecimento das "grandes áreas de influência" política, económica ou cultural - correlativa com a ideia do desaparecimento dos grandes blocos político-militares.

X
(Lê-se permanentemente pela independência dos diversos países) os ~~os~~ ~~em~~ ~~uma~~ ~~linguagem~~ ~~dos~~ ~~mes-~~ ~~alinhados~~

= Parece-me que o resto da pag. 2 deve ser dito, reformulado ou não (ou até mudando de posição, e que quase certamente acontecerá se o discurso for ~~revisado~~ como preconizamos).

Pag. 3 :

Bem vistas as coisas, a pag. 3 e grande parte da pag. 4 não está nada mal, sobretudo se for enunciada com o que neste apontamento se diz sobre o papel novo de Portugal no campo das relações internacionais.



Pag. 4 :

Os últimos parágrafos da pag. 4, a pag. 5 e a pag. 6 (até final da I parte) devem ser profundamente revistas, no sentido da concisão (meia página é suficiente) e de maior discricção nas referências à qualidade europeia de Portugal (toda a gente sabe de geografia o suficiente para não desconhecer em que continente nos situamos...).

[Aqui pode ser obtida uma notável condensação do discurso]

Pag. 7 e parte pag. 8 :

Básicamente certo o desenvolvimento dado à questão do Médio-Oriente.

Pag. 8 e 9 e parte pag. 10 :

Não seria necessário o desenvolvimento da questão do Sudeste asiático, da questão de Chipre e a do Saará Ocidental.

~~Exemplos~~ Eventualmente, uma referência genérica a essas três questões pode ser feita, ~~como exemplo~~ no final deste capítulo, como exemplos de insegurança, instabilidade, situações de injustiça e de ameaça à paz.

[Este é um dos pontos em que o documento pode ser condensado de forma a reduzir o extenso do discurso]

Pag. 10 - 2º parágrafo : Basicamente certo.

Pag. 10 - 3º paraf. : Certo, exigindo porém um pequeno desenvolvimento no qual deve ser posta em evidência a insegurança permanente que significa para a Rep. Popular de Angola a persistência da actual situação na Namíbia, impedindo o livre desenvolvimento daquele país e o normal progresso do seu povo, bem como a livre afirmação da sua identidade nacional e independência nacionais.



Par 11 - 1º parágrafo :

Básicamente certo, embora a linguagem deva ser reformulada.

Aqui também, um outro parágrafo deve ser incluído validando as ameaças ao livre desenvolvimento e à independência nacional de países como Moçambique e a Zâmbia.

Par 11 - 2º pará. :

Básicamente certo, modificando a linguagem.

Ciclo que a "seção" África Austral deve ser re-
matada com uma mais longa e profunda alerta
da comunidade internacional ^{para} nos perigos para
a paz e segurança em continente e no mundo e
para a necessidade imediata da liquidação das
situações coloniais (Embutura, Zâmbia) e de
discriminação racial iníquas (África do Sul).

(Alerta a respeito
+ eventual ligação)

Par 11 - 3º pará. e par. 12 - 1º pará. :

(Ciclo que é de eliminar a referência a Timor-Leste.
[Nos contactos da 1ª Comissão com o Secretário-
Geral da ONU, com o Presidente da Assembleia
Geral e, eventualmente, com o Presidente do
Comitê de Descolonização, este problema deve
ser evocado e sugerida a ideia de que deva ser
re-activada].



Pag. 12 ~~in fine~~ :

A questão do desarmamento não pode deixar de ser referida, embora em linguagem que resume o estilo da 1ª parte e prepare a parte final do discurso.

(Em qualquer caso, elimina o tom formalista do "funcionário diplomático" a quem se tem de louvar, de resto, a conexão das ideias e as boas induções quando à finalidade do discurso)

↑ fundamental

Uma ideia importante que deve ser expressa: não há estratégias de desenvolvimento para a década de 80 que seja compatível com a continuação da actual política de corrida aos armamentos; assim, ou a maior parte dos recursos financeiros, científicos e tecnológicos são "desviados" para a solução dos problemas de desenvolvimento ou o equilíbrio e a nova ordem mundial não passam de mitos (porque a desigualdade não cessará de se aprofundar) e as guerras (total ou as guerras parciais que funcionam como "reguladoras" da perpetuação do sistema) serão inevitáveis.

Pag 13 "in fine" e 1ª parágr. pag. 14:

É correcta a referência a Co S. C. E. e ao Acto final de Helsínquia. Mas não se pode referir Belgrado sem denunciar o relativo fracasso que constitui (embora tal possa ser feito com cautelas de linguagem para evitar feis susceptibilidades), marcando no fundo um retrocesso no espírito de desarmamento. Neste contexto, faz sentido um apelo forte para que



a Conferência de Madrid venha a constituir um passo realmente positivo na criação de uma nova atmosfera que permita um real empenhamento e compreensão e cooperação a todos os níveis. (É claro que a referência à Espanha, "país irmão e ibérico", deve ser eliminada).

Par. 14 a 16: Toda a par. 14 deve ser reformulada em termos de associar estritamente os conceitos: direitos do homem - direitos dos povos.

{ revoltas dos indiliduos das massas

Este pode ser um momento importante do discurso em que, na sua economia, poderá e deverá servir de elo de ligação entre a 1ª parte e o momento em que se desenvolverá

Fundação Cuidar o Futuro

• poder político tal como existe em todos regimes
• poder das massas

questão do diálogo norte-sul. Aqui poderá, talvez, ser sugerida a ideia de que, a par de defesa dos direitos individuais, há um trabalho inuento a realizar para a elaboração de um novo direito internacional, capaz de ter em conta as novas realidades e perspectivas em que se inserem as relações entre os povos e países, independentemente das suas dimensões e importância económica.

→ O diálogo Norte-Sul deve culminar esta fase do discurso, destacando nele o contributo que novas soluções no plano de um ordenamento económico e financeiro mais equilibrado entre ricos e pobres poderá ter para uma ordem mundial mais justa, tal como se delinea na 1ª parte.



Pag 16 e 17: É exagerado o desenvolvimento dado às questões & relativas ao direito do Mar. Esta parte deve ser intercalada (como exemplo relevante, ~~em~~ ^{em} referências à busca de novos recursos naturais que aproveitem a toda a humanidade) no ponto do discurso em que seja evocada a nova ordem económica.

nova etapa técnica

Pag 18 e seq. :

A III parte é excessivamente longa e retórica. Na estrutura do discurso, a última parte (tal como numa estrutura simplificada) deve retornar o tema da "abertura", associando o tom exortatório (quando for caso disso) à energia e desassombração de um verbalismo, ~~em~~ das questões de prestígio e de falhas regulares nacionais que têm sistematicamente impedito a descoberta criadora de soluções fecundas no caminho do III novos momentos da civilização humana a que fez referência na 1ª parte.

[Aqui, também, poderia ser obtida uma considerável condensação do discurso]

[Entretanto, alguns elementos dispersos do "projecto Paulouro" podem ser aproveitados nesta 3ª parte, desde que convenientemente trabalhados de acordo com a estrutura e estilo que preconizamos]

Julgo que um bom final seria aquele em que se evidenciasse a unidade fundamental da humanidade, (para além das diferenças raciais, culturais, sociais, económicas, políticas e ideológicas) e, em consequência, a responsabilidade total do homem e de todos os homens na construção do mundo novo.

